

Fábio Lucena aumenta

O senador renunciou à vice-liderança que ocupava e redigiu carta com duros ataques ao p

crise do PMDB

residente Sarney, de quem diz que é apenas um "títere".

O senador Fábio Lucena (AM), em carta que enviou ao líder interino do PMDB no Senado, Hélio Gueiros (PA), renunciou ontem à vice-liderança do partido, em mais um desdobramento da crise entre gover-

no e PMDB. Na carta, Lucena faz duros ataques e diz que "a autoridade do presidente da República não passa de uma tutela dos chefes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica", que poderão derrubá-lo e prendê-lo na hora que quiserem.

Lucena deixou a vice-liderança em solidariedade aos deputados Arthur Virgílio Neto e Mário Frota, ambos do seu Estado, que renunciaram à vice-liderança do partido na Câmara porque discordaram das críticas do governo e do líder Pimenta da Veiga por terem votado a favor da subemenda Uequed da anistia.

Na carta a Gueiros, em termos veementes, Fábio Lucena afirmou que não deve nada a Sarney, nem Sarney a ele: "Nem mesmo o meu voto na convenção que o indicou candidato a vice-presidente não me deve Sua Excelência, porque simplesmente não compareci à convenção, e precisamente para nele não votar".

O senador pelo Amazonas disse também que os ministros militares estão prestando ao presidente "falsa continência e hipócrita solidariedade, pois no exato momento em que o quiserem esses chefes militares derrubam o governo e põem na cadeia o presidente da República".

Sob a alegação de não desejar contribuir para que tal desgraça aconteça ao País, Lucena afirmou que regressa ao lugar em que sempre se encontrou — a oposição. E acrescentou: "Darei ao governo todo o apoio da minha decidida oposição, exatamente para ajudá-lo a desnudar-se das roupagens de títere".

Na mesma carta, ele critica o apoio do PFL, em São Paulo, ao candidato Jânio Quadros, "o que constitui hedionda traição à memória de Tancredo Neves". Mais: "Quem é que está financiando a campanha desse fascista? A resposta deve ser dada pelo ministro das Relações Exteriores, Olavo Setúbal. E o presidente da República, a quem incumbe administrar o seu Ministério, queda-se em inexplicável silêncio diante de fato tão grave e abastardador".

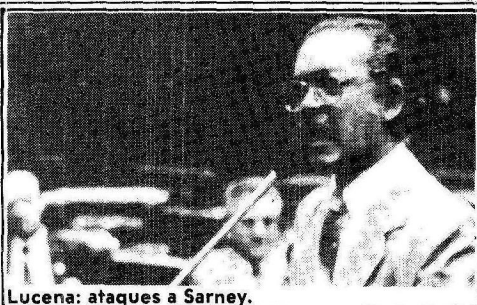
Apesar de tudo, Fábio Lucena reiterou apoio integral à Nova República, "que pode muito bem ser a do senhor Sarney, mas que é sobretudo do povo brasileiro".

Tudo em ordem

O líder do PMDB na Câmara, Pimenta da Veiga, não quis comentar o texto da carta do senador amazonense. Preferiu apenas dizer que Fábio Lucena "está com visão equivocada", acrescentando que o governo atua de forma harmônica "sob a direção segura do presidente José Sarney".

Pimenta aproveitou a tarde para dar uma demonstração de enaltecimento aos atos do governo. Entrou no plenário da Câmara e começou citando dois atos do dia: a sanção da lei que reconhece a UNE e o decreto estabelecendo os novos níveis do salário mínimo. "Foi bom ver aquele Palácio", disse, "outrora fechado ao povo, cheio agora de estudantes com com cânticos de louvor à democracia." Quanto ao salário mínimo, observou que a Nova República quadruplicou seu valor em pouco mais de seis meses, pois "era de Cr\$ 150 mil em abril e agora vai para Cr\$ 600 mil. Chamo a atenção do Congresso, mas principalmente do meu partido, para esses fatos. São muitos os ganhos e devemos cantá-los".

Ele não quis comentar muito, porém, sobre o caso de Juiz de Fora, onde



Lucena: ataques a Sarney.

um dirigente do Inamps indicado pelo PFL foi reintegrado ao posto depois de ter sido exonerado para atender a dois deputados do PMDB mineiro, que tinham outro preferido. Perguntaram a Pimenta da Veiga

se o episódio não comprovava a sua afirmação de que os parlamentares que não ajudarem o governo nada receberão. "Não se trata disso. O presidente prestigiou um parlamentar que lhe tem sido sempre solidário..." E acrescentou: "Não há caça às bruxas".

Hélio Gueiros, a quem Fábio Lucena enviou a carta de renúncia à vice-liderança do PMDB, considerou "profundamente injusta" a crítica ao presidente Sarney e aos militares, atribuindo-a "ao emocionalismo de quem sofreu muito durante a ditadura". Gueiros disse que todos os 26 senadores do PMDB, com exceção de Lucena, apoiarão o substitutivo Walmor Giavarina no segundo turno de votação da emenda da Constituinte, exatamente como é o desejo do presidente Sarney.

Falta de treino

Os problemas de relacionamento da Presidência da República com sua base parlamentar no Congresso decorrem naturalmente do processo de adaptação do PMDB ao exercício do governo e da própria democracia, segundo a análise de parlamentares peemedebistas que se negam a admitir a existência de rebelião na bancada contra o Palácio do Planalto e contra o líder Pimenta da Veiga. Esses parlamentares reconhecem que há dificuldades de relacionamento e insatisfações que, no entanto, até agora não prejudicaram a aprovação de qualquer projeto do governo — inclusive porque o governo levou a melhor até na questão da anistia irrestrita prevista na emenda Uequed, afinal recusada.

Os políticos lembraram que ademais, como se trata de um governo político, apoiado na classe política age e reage conforme as forças que lhe dão sustentação no Congresso e na opinião pública, e não como seus antecessores, que tinham respaldo principalmente nos quartéis, de onde provinham e pelos quais eram indicados. Finalmente, notaram que o governo Sarney corre o risco de ser derrotado em votações, como acontece em todos os países democráticos do mundo.

Manda mesmo

O ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, disse no Rio que o presidente Sarney tem "poderes, autoridade e força para, querendo, substituir a qualquer momento todos os ministros da República". Antônio Carlos apressou-se a esclarecer que não tem, por enquanto, qualquer idéia de deixar o ministério. Ele esteve conversando sobre política com o ex-presidente Ernesto Geisel mas não quis revelar os temas. Só admitiu que, depois da eleição do dia 15 será inevitável a formação de um novo partido político — do qual é tido como um articulador.

Em Brasília, o porta-voz presidencial Fernando César Mesquita garantiu que em momento algum houve ameaças do presidente Sarney de punir parlamentares que ignorarem a orientação das lideranças, e desmentiu que haja no Palácio a determinação de só ajudar aqueles que defenderem os interesses do governo. Mesquita informou que Sarney foi surpreendido pela versão de que agiria concretamente em casos de indisciplina.

Já os ministros Waldir Pires, da Previdência Social, e Pedro Simon, da Agricultura, acusados pelo PFL de estarem desrespeitando os acordos no preenchimento de cargos do segundo e terceiro escalões, disseram ao líder do PFL na Câmara, José Lourenço, que irão "corrigir" qualquer equívoco.